

As formas elementares da vida religiosa e a busca por uma nova Sociologia da Religião

Rodrigo Follis¹

A importância da teoria sociológica de Émile Durkheim é reconhecida tanto por admiradores quanto por seus críticos. A publicação do livro *As formas elementares da vida religiosa* que em 2012, completa 100 anos, foi marcante no interior da sociologia durkheimiana e também no pensamento social moderno. Muitos acreditam que essa obra tenha sido um momento de ruptura, no sentido que leva a uma mudança na forma de pensar as gêneses das relações sociais; o foco passa da sociedade moderna para as primeiras formações humanas e, assim, acaba-se por eleger, dentro do pensamento das ciências sociais, a religião como primeiro e principal processo de socialização humana.

Para Durkheim (2003, p. 38), a religião é fruto da ação social, produto da sociedade, e, além disso, “exprime realidades coletivas” e “se destina a promover, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos”. Sendo assim, a religião contém atos pelos quais o ser humano demonstra sua dependência em relação aos seres sobrenaturais. Não passou distante de Durkheim a discussão acerca da frequente redução do campo de estudo acerca da religião a uma vertente incompleta, ato comum nas Ciências Sociais. Na maioria das vezes, restringe-se o religioso ao campo fenomenológico, seja em aspectos concernentes à psicologia ou aos da sociologia: ela seria pura manifestação de condicionamentos

¹ Editor associado da revista Kerygma. Mestre em Comunicação Social e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes. E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br

psicológicos, geralmente fruto de carências internas individuais ou pura manifestação sociológica, provinda de carências sociais externas.

Acreditamos que seja imperativo, nesse debate, fugir tanto do reducionismo imanente quando dos possíveis exageros transcendentais. É preciso escapar da ilusão de autonomia do discurso teológico/religioso enquanto explicação de todo o processo religioso, assim como da ilusão da dependência total desse discurso das condições sociais e/ou psicológicas; elas explicam muitas coisas, mas parecem não serem capazes de atender a questões transcendentais claramente inatas a tal fenômeno.

Aqui, faz-se importante a contribuição fornecida na tese de Schultz (2005) quanto à possível ampliação dos instrumentos metodológicos para a análise do fenômeno religioso. Para Schultz (2005, p. 186), o problema é quando a religião é confundida com o imaginário. Os estudos sobre a religião precisam pensá-la para além da mera constatação dos fenômenos que podem ser explicados via Ciências Sociais, abrindo espaço para considerar aquilo que a diferencia de outras significações imaginárias, fornecendo atenção especial à pertinência da “revelação” de Deus (ou seja, o elemento divino que funda a religião).

8

Enquanto a sociologia e a antropologia analisam as funções e o papel da religião, mais interessadas nas suas estruturas simbólicas, a teologia, sem desconsiderar tais procedimentos, abre-se para a análise do divino. Se ela estuda a religião considerando a “revelação” e a “transcendência”, não o faz crendo que sozinha possa dar conta de explicar todas as partes desse fenômeno. Apenas insiste na importância teórica de não se relativizar o peso transcendente nos estudos acerca do religioso. Pois, provando-se ou não verdadeira tal transcendência, uma coisa não se pode negar: é através de tal conceito que o fazer religioso obtém a maior parte de sua força imaginária e, assim, conduz o “crente” a partilhar dessa ideologia e, com isso, ajuda a modificar as estruturas econômicas, políticas e/ou sociais vigentes.

Dessa forma, a teologia concorda que a religião está totalmente agenciada no plano imanente, mas nem por isso esquece que todo esse processo pode estar carregado do divino. Entender que toda significação religiosa do imaginário existe em relação às significações sociais, psicossociais e antropológicas é parte do processo, mas não significa que se tenha que relegar apenas a essas vertentes a origem e o entendimento do fenômeno religioso.

No limite da ação afirmativa, a teologia afirma que a religião tem um fundamento e uma origem *a priori*, totalmente transcendente, e que

o imaginário religioso é obra de Deus, *locus* [sic] de sua manifestação. Os alicerces do imaginário religioso são, paradoxalmente, sustentados pelo Alto (SCHULTZ, 2005, p. 197).

É possível se perceber barreiras quanto às discussões acerca do fazer religioso, acentuada na entrada de questões transcendentais em cena. Tal fato pode ser visto, de forma clara, na clássica definição fornecida no *Curso de filosofia positivista*, por Augusto Comte. Ali ele anunciou o fim de um período da humanidade no qual a religião seria necessária. Em outras palavras, ocorreria um processo de secularização do mundo. Após tal etapa, denominada teológica, viria uma fase intermediária metafísica que abriria terreno para a última fase, a positivista, que seria dominada não mais pela teologia (religião), nem pela metafísica (filosofia), mas pelas ciências empíricas, que trariam uma definição “verdadeira” da realidade (LÖWY, 2002, p. 37-74). Embora bem reconhecida, tal realidade não pode ser mais considerada como unânime dentro das ciências.

Durkheim reconhece que a religião, enquanto significação imaginária, é parte central da construção da sociedade. Para ele, a religião não é uma ilusão ou algo a ser superado; ao contrário, ela é responsável pela coesão social. Segundo Maffesoli (1989, p. 3), rompendo com a tradição da época, que considerava os fenômenos religiosos como um tecido de superstições, das quais os homens se libertavam desenvolvendo seus conhecimentos, Durkheim mostra que o fato religioso, ao contrário, é uma das bases essenciais da socialidade.

É com essa ideia em mente que a revista *Kerygma* reafirma seu desafio de não abordar o fenômeno religioso apenas como mero ato social, mas também trazer à tona a boa e velha teologia, que se ocupa em pensar o transcendente como uma das vertentes a ser estudadas em assuntos concernentes à religiosidade.

Convidamos todos os leitores a participar conosco desse enorme desafio colocado à nossa frente: pensar o religioso para além da manifestação social; entender que ele não é apenas a busca do ser humano pelas suas origens, mas também a forma por excelência com que o divino se comunica com o humano. Sendo assim, a teologia pode ajudar no sentido de que essa busca não venha a se apoiar apenas na “sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1Co 2:5).

É com prazer que apresentamos o novo número da revista *Kerygma*. Como mencionado, buscamos com a presente edição equilibrar temas extremamente teológicos com outros voltados para as Ciências da Religião.

Dentro da primeira categoria temos alguns artigos que tratam diretamente de como o texto bíblico pode ser interpretado, a saber: “Casamento, Cristo e a igreja em Efésios 5” e “O Sacerdote-Rei de Salmo 110: exegese e comentário”.

Ainda nessa primeira categoria, temos alguns textos que, embora não se detenham apenas na interpretação do texto bíblico, estão diretamente relacionados a assuntos de cunho extremamente teológico, tais como: “A crítica da religião na teologia de Karl Barth” e a resenha do livro “Eles gostam de Jesus, mas não da igreja”.

Já na seção que privilegia a interface entre a religião e as demais ciências sociais, temos textos proeminentes, os representantes dessa categoria são: “O diálogo inter-religioso e o lugar da IASD” e “Princípios educacionais em Ellen G. White”.

Referências

10

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LÖWY, M. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2002.

MAFFESSOLI, M. Prefácio. In: DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

SCHULTZ, A. **Deus está presente - o diabo está no meio**: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Leopoldo: EST, 2005.